

JOGOS COM A PALAVRA: VIEIRA E FERNANDO PESSOA

*Lélia Parreira Duarte**

RESUMO

Procura-se estabelecer um paralelo entre os **Sermões** de Vieira e a poesia de Fernando Pessoa, na tentativa de demonstrar que Vieira configura em seu discurso uma palavra plena capaz de servir aos seus objetivos retóricos de crença nas possibilidades de estabelecimento do Quinto Império, enquanto Fernando Pessoa deixa entrever em sua poesia uma nova perspectiva em que a linguagem é máscara vazia, palco onde o artista pode encenar e fingir, para criar um sentido que nunca poderá ser fixado, tornando inevitável a consciência da perda não só do Quinto, mas de todos os impérios sonhados.

A possibilidade de um paralelo entre os discursos de Vieira e Fernando Pessoa parece ser apontada pelo próprio Pessoa, que explicita em **Mensagem** a sua admiração por Vieira e pelo Quinto Império – sonho que transformaria épocas de mudança e incerteza em tempos míticos de glória e poder. Em sua concepção utópica, ambos os gênios anunciaram um Quinto Império em que figuravam a visão profética, o conhecimento histórico-geográfico, a análise da situação política portuguesa e o senso patriótico e religioso do homem lusitano. Ambos pensaram o futuro através da síntese pessoana: “Esse futuro é sermos tudo” e falaram de seu tempo, dirigindo-se a um homem novo e verdadeiro ainda por existir e a uma sociedade autêntica e nova ainda por ser em plenitude – Portugal e os portugueses.

Fernando Pessoa refere-se explícita e insistentemente a Vieira, especialmente com palavras do ortônimo e de seu semi-heterônimo Bernardo Soares. Revela admiração e deslumbramento por sua obra, afirmando: “Antônio Vieira é de fato o maior prosador – direi mais, é o maior artista – da língua portuguesa” (**Obra em prosa**, 1974, p. 343). Tanto Vieira quanto Pessoa perfilham a mítica sebastianista, mostrando-se aliados de crença e de ideal, sendo que Pessoa identificaria em Vieira um pre-

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

cursor ilustre na formação de um pensamento visceralmente mítico e profético, orientado para esse universo de desejo a que se deu o nome de Quinto Império.

O próprio Fernando Pessoa revela entretanto clara consciência das diferenças que o separam de Vieira, sendo uma delas o tipo de sebastianismo que os identifica. Será com base nessas diferenças que procurarei desenvolver aproximação e distanciamento entre as obras dos dois autores: Vieira estaria para a palavra plena, enquanto que Fernando Pessoa estaria para a palavra poética, em potência, vazia em termos de estabelecimento de significado, em estado de significância.

Vieira foi um poliglota e um estadista de enorme e admirável cultura. Sacerdote da Companhia de Jesus, foi pregador por profissão e conviveu em palácios reais. Funcionou como embaixador e negociador de alianças, empréstimos e apoios navais e militares, visionando casamentos e recursos econômicos que alimentassem o erário público e fortalecessem a posição de Portugal entre as potências européias de seu tempo. Conselheiro de reis, foi muitas vezes encarregado de propagar confiavelmente as suas decisões, o que fez principalmente através de seus 207 sermões, mas também com textos exegéticos, profecias, cartas e relatórios, com sua palavra plenamente semantizada, cujo significado a sua eloquência procurava transmitir, de forma a convencer, para levar à ação.

Peça fundamental do edifício da Restauração Portuguesa, Vieira foi lusocentrista convicto. Prático e lúcido, teve especial percepção dos problemas de seu tempo, como o dos cristãos-novos, para o qual buscou as soluções então moralmente mais pragmáticas. Conviveu de perto com a cobiça dos colonos, no Brasil, e contra eles lutou com invejável energia, usando também nesse caso a sua capacidade inventiva e a sua habilidade retórica. Seu discurso veemente conjugava ao mesmo tempo as certezas inabaláveis de sua fé, a impetuosidade emotiva de seu temperamento, a força prodigiosa de sua imaginação e a beleza de seu verbo, através de oposições dialéticas que se traduziam no discurso pelo virtuosismo do jogo semântico de antíteses e pelo binarismo da organização sintática da frase.

Em função de sua errância pelos mais opostos espaços – de grandeza e de miséria – sua visão de mundo apresenta um sentido vívido do transitório, da fragilidade do humano, da inanidade das ambições que impulsionam as baixezas dos mortais, em contraposição à serena perenidade dos valores eternos que igualam os homens. Dentro da característica concepção da arte barroca, Vieira percebe o mundo como um grande e variado teatro, dinamizado pela força caleidoscópica da mudança. Aposta por isso na transformação do ser humano em geral e, com seu visionarismo marcado antes de tudo pela lusitanidade, pretende restaurar no homem a noção profunda do que seriam as exigências de uma universal salvação, desenvolvendo a idéia redentora do Quinto Império.

A partir de sua perspectiva visionária, Portugal dominaria a máquina mercante mundial. Tomando como modelo estratégico as potências rivais e criando uma estrutura similar na esfera do poder monárquico lusitano, colocar-se-ia no centro da

política colonial de seu tempo.

Em seus **Sermões**, Vieira apresenta solução para todos os problemas e alardeia-o, oralmente e por escrito. Ressemantizando termos como honra, fidalguia e nobreza, que passam a ser integrados à esfera do trabalho e não da herança, numa virada axiológica em que a omissão torna-se o grande pecado, o discurso vieiriano faz-se num galope que potencia o mérito do homem em estado de alerta, ao mesmo tempo que agrava o demérito do relapso e do acomodado.

Para isso Vieira usa com extrema perícia a retórica, tendo a seu favor uma memória prodigiosa e a sua habilidade de pregador, especialista no que Aristóteles chama de *ethos*, *pathos* e *logos*, ou seja, na apresentação de um caráter capaz de tornar o orador digno de fé, de forma a produzir nos ouvintes uma paixão transformadora (*pathos*), a partir de seu discurso (*logos*). Vieira cuida de sua *imago* de orador, incorporando a ela a concepção apostólica do pregador, forjada nos profetas bíblicos, em Cristo, em São Paulo, nos Padres da Igreja e nas hagiografias.

O fenômeno Vieira explica-se assim como resultado da conjugação de uma série de fatores, que alguns veriam como destino, pois o grande orador surge no momento histórico mais propício ao florescimento de seus dotes individuais e de sua poderosa eloquência, fixada literariamente nos **Sermões**.

A partir da perspectiva com que pretendo observar as diferenças existentes entre Vieira e Fernando Pessoa, quero registrar ou acentuar especialmente que os **Sermões dizem** algo, colocam-se como “palavra plena”, pois procuram não deixar dúvidas ou espaços para divergências. Por isso mesmo buscam prevenir perguntas, constituindo-se como grandes exemplos de discurso ideológico, no sentido de serem autoritariamente articulados para reprimir a colocação de questões.

Como bom pregador da palavra plena (e como bom ironista), Vieira busca sempre encaminhar o pensamento de seu ouvinte. Para isso muito lhe serve a ironia: quando fala por vias indiretas, quando usa o não para dizer o sim, quando diz o contrário ou algo diferente do que pretende fazer entender, fá-lo sempre com o cuidado de quem conhece bem o ouvinte e sabe até onde pode ir com a sua fala indireta, de modo a não comprometer a clareza do entendimento e a eficácia de suas palavras. A ambigüidade não faz parte de sua tática, porque a dúvida que valoriza a linguagem em si ou o receptor – esperando deste uma contribuição para o entendimento da mensagem – não faz parte de sua técnica. Mesmo quando o ouvinte é Deus, o que Vieira apostrofa é um deus meio adormecido, esquecido de seus feitos e conquistas antigos, de seus arrependimentos para os castigos e violências cometidos contra o seu povo e desatento para os perigos que ameaçam o seu próprio reino. Trata-se de um deus que não está em uso de suas faculdades divinas. De modo especial, como todos os outros ouvintes, está em posição de inferioridade relativamente ao sermonista, que sabe mais, tem melhores argumentos e está sempre mais próximo da verdade. Por isso mesmo sabe o que é mais conveniente em cada circunstância e sabe até mais que Deus o que é melhor para o fortalecimento de seu reino. E assim deve falar cla-

ro, mesmo quando faz ironia: seu discurso deve permitir que o receptor entenda sem dificuldades a mensagem que procura transmitir, o sentido que pretende dar às suas palavras.

Fernando Pessoa, ao contrário, aponta no seu discurso a presença de uma palavra vazia, representada, num estado de potência fingida e frustrada. “O poeta é um fingidor” que oferece ao leitor o espetáculo de sua dor fingida e significativa e, por isso, potencialmente significativa.

Vieira apresenta-se como o que sabe e sabe como dizer: sabe o que pregar, como pregar, como conseguir resultados com o sermão. Sabe, melhor que o semeador do evangelho, a partir de sua própria experiência, as dificuldades que esperam o missionário na sua árdua tarefa, que se tornará gloriosa a partir da coragem e da perseverança. Sabe porque a palavra de Deus não tem frutificado e o que é necessário para que o seu resultado seja positivo. Sabe a quem dirigir suas apóstrofes, variando o destinatário de suas palavras conforme a necessidade.

Fernando Pessoa, diferentemente, sabe que seus sonhos são irrealizáveis:

Nada me prende a nada.

Quero cinquenta coisas ao mesmo tempo.

Anseio com uma angústia de fome de carne

O que não sei que seja –

Definidamente pelo indefinido...

(Pessoa/Álvaro de Campos, 1965, p. 359)

Uma das grandes armas vieirianas para afirmar verdades incontestes está na arte com que usa uma argumentação binária, aquela que coloca dois partidos em luta e é característica da retórica que busca o poder. Dois partidos que podem ser o céu e o inferno, Portugal e Holanda, os colonos e os índios, os jesuítas e os dominicanos, os pregadores de mais paço e os de mais passos, os passíveis de conversão e os duros de coração. Que podem ser também o do pregador e o do ouvinte, sendo a gama deste muito variada: concerne desde os índios, que mal entendem a fala do pregador, aos peixes que, obedientes e atentos, têm o uso sem a razão, diferentemente dos homens, que têm a razão sem o uso. O ouvinte pode ser até o Divino criador, que é duramente interpelado quando o pregador acredita em perigo o domínio cristão no Brasil, a partir da invasão holandesa.

Essa tática parece combinar bem com a ironia, arte em que Vieira se revela verdadeiro mestre. A carga ou a preocupação pragmática que envolvem a ironia calam bem aos interesses de Vieira, cuja pregação pretende certamente a conversão religiosa de pecadores em geral, sejam eles reis, nobres, plebeus, colonos, índios ou negros. Mas é inegável que Vieira tem outros objetivos, além da maior glória de Deus: é um defensor ardente e convicto da grandeza de Portugal, cujos feitos quer fazer reconhecer e cujo poder quer ver ampliar e fortalecer. E parece querer também, certamente, o seu quinhão de glória, incluindo-se no ideal político que prega.

A posição de Fernando Pessoa é diferente. Marcando a diferença entre o seu tempo e aquele em que viveu Vieira, no qual, como se viu, havia uma crença no indivíduo e em suas potencialidades, a certeza do absoluto como presença e a confiança de que a palavra era capaz de comunicar a verdade e impulsionar a ação, diz Fernando Pessoa, em obra da maturidade: “Quem me dera que a poesia fosse mais que a escrever!” (1972, p. 568). Se a leitura de Vieira confirma sempre a percepção de sua crença na potência da retórica, a intenção de plenitude presente em sua palavra magistral e sua correspondente esperança na realidade do Quinto Império, a repetida degustação da obra pessoana revela que o Poeta sabe que seu trabalho com a palavra se esgota em si mesmo. Seu Quinto Império é bem delimitado: “Minha pátria é a língua portuguesa”, diz Bernardo Soares. E a obra poética pessoana também não ultrapassa os próprios limites – não incita à ação, não revela busca, não apresenta objetivos. Se fala em ação é muitas vezes para adiá-la, com Álvaro de Campos, ou para dizer que não vale a pena cansarmo-nos e que é melhor abdicar e ser rei de si mesmo, com Ricardo Reis.

Para Vieira, o Quinto Império é uma questão histórica, que tem como condição de efetivação a conquista e a posse dos territórios do mundo, pela força das armas, impulsionadas principalmente pela energia das palavras. No seu sonho não há maneira de sublimar a exigência imprescindível de um Império que, para ser do espírito, tem que ser, também, de domínio e expansão.

Para Pessoa, diferentemente – o que é insistentemente declarado pelo Poeta –, o Império possível a partir de Portugal é exclusivamente o da cultura. Assim, o império territorial para Pessoa não passaria de desfocamento. Por isso mesmo ele não reclama a posse das colônias e chega mesmo a interpretar positivamente a sua perda, porque em Fernando Pessoa a palavra não é ação, como em Vieira. Não lhe dá concretude e não lhe referenda a fé, pois o Poeta afirma sentir-se “tão real como uma metáfora”.

Usuário da retórica e da ironia, no seu afã de dizer, Vieira não confessa entretanto o seu fingimento, a sua enganosa dialética, as manipulações das referências, ou as freqüentes voltas da argumentação para adequar as citações à mensagem que deseja transmitir. Fernando Pessoa, ao contrário, não apenas confessa o fingimento, mas considera-o natural e necessário. Um fingimento que não pode reforçar a idéia de pátria, porque a pátria é a língua que constrói mundos sabidamente fictícios e fantasiosos e é capaz de sustentar a criação dos heterônimos, cujo discurso, ao ser analisado, revela-se palavra vazia, potencialidade, significância.

Vieira em seus **Sermões** faz perfeitas representações. Embora afirme condenar no sermonista a teatralização do discurso, é ele mestre em fazer de seu sermão um espetáculo, em que os recursos visuais são fortes instrumentos para conduzir os ouvintes à conversão e à verdade. Também Fernando Pessoa representa, fazendo um verdadeiro teatro com sua própria existência, ao multiplicar-se em heterônimos. Diferentemente de Vieira, entretanto, ele não esconde os recursos utilizados e até os

confessa: “Desde que tive consciência de mim mesmo percebi em mim uma inata tendência à mistificação, à mentira artística” (Pessoa, 1974, p. 92).

O poder de representação de Fernando Pessoa traduz a subjetividade moderna, que vive como que num imenso teatro, vendo o mundo exterior através de reflexos interiores. Nessa sociedade individualista, o Poeta não consegue uma expressão unificada de seu poder de criação, pois o sistema social é apenas uma forma de combinar as várias individualidades. O que parece universal não passa de uma normatividade extrínseca, epidérmica, em função da qual a arte não se constituirá como uma ação no mundo social, pois não é um fator de integração na comunidade, não efetiva a sua aspiração de ser numa prática capaz de concretizar seus gestos no diálogo com outros gestos. Por isso a obra de Fernando Pessoa traz freqüentemente o sentimento de infelicidade, o desconforto de uma época em que as consciências estão condenadas à inação. “Não sou nada. Nunca serei nada. Não posso querer ser nada”. (Álvaro de Campos, “Tabacaria”)

A poesia de Fernando Pessoa expressa a lucidez do homem contemporâneo em relação ao seu problema existencial: o Poeta não consegue expandir sua criação para além dessa angústia particular. Encarnando embora o sentimento de toda uma geração e até de uma época, ele fala sempre a partir de si – alguém que presente o mundo – mas não o encontra. Sua perspectiva é diferente da de Vieira: este lê o mundo como uma energia em ação, uma inteligência que sempre encontra argumentos, recursos e caminhos novos para todos os problemas, e que tem como objetivo constante a maior glória de seu Deus, de sua religião e de seu país (e sua própria, como já foi dito). Diferentemente, Fernando Pessoa diz com Ricardo Reis:

*Não consentem os deuses mais que a vida.
Tudo pois refusemos, que nos alce
A irrespiráveis píncaros,
Perenes sem ter flores.*

Sábio que se contenta com o espetáculo do mundo, o Ricardo Reis pessoano recomenda a calma, a sabedoria de “(...) passar silenciosamente/E sem desassossegos grandes” (Pessoa, 1965, p. 256). Não há perspectiva de futuro, por isso “(...) façamos nossa vida *um dia*,/Inscientes, Lídia, voluntariamente/Que há noite antes e após/O pouco que duramos” (Pessoa, 1965, p. 259). Muitas vezes os seus conselhos dirigem-se a interlocutores não nomeados, a quem diz que projetos e desejos de grandes realizações terão como resultado sempre o fracasso, o que marca mais uma vez, a meu ver, a grande diferença que separa Fernando Pessoa de Vieira: “(...) A obra cansa, o ouro não é nosso./De nós a mesma fama/ri-se, que a não veremos” (Pessoa, 1965, p. 260).

Apesar das diferenças, parece, entretanto, que uma força extraordinária aproxima os dois autores: Fernando Pessoa admira Vieira profundamente, vê-o como o

“maior prosador”, o “maior artista”, o “imperador da língua portuguesa”; a leitura de Vieira o “faz tremer como um ramo ao vento, num delírio passivo de coisa movida” (Pessoa/Soares, 1982, p. 16) . Une-os, principalmente, a idéia do Quinto Império, que para ambos teria como base de realização a língua portuguesa, revelada afinal como a força maior que irmana os dois autores. A diferença é que para Vieira a língua seria um instrumento pragmático de dominação, pois o seu Quinto Império teria um sentido político, de poder real e de domínio concreto do mundo. Para Fernando Pessoa, diferentemente, essa língua seria um valor em si e não um instrumento. Por isso mesmo, a intenção do “supra-Camões” não seria usá-la para estabelecer verdades ou recuperar mitos, mas para deixar entrever a máscara vazia em que se constitui a linguagem, palco onde o artista pode encenar e fingir, para criar um sentido que nunca poderá ser fixado. Mas que funciona para fazer esquecer, através da fruição estética, por “um momento imperceptível”, a pesada carga do homem que é preso e submisso inevitavelmente a sistemas, normas e convenções e que tem como única certeza a morte e a perda não só do Quinto, mas de todos os impérios sonhados.

ABSTRACT

This essay intends to establish a parallel between Vieira's *Sermões* and Fernando Pessoa's poetry. It is an attempt to demonstrate that Vieira makes use, in his discourse, of a meaningful word able to fulfil his rhetorical aims as to the belief in the possibilities of the setting up of the Fifth Empire, while Fernando Pessoa allows the reader to perceive in his poetry a new perspective in which language is an empty mask, a stage where the artist can act and pretend in order to build up a sense that will never be definitive, thus making awareness of the loss, not only of the Fifth but also of all the empires dreamed of, inevitable.

Referências bibliográficas

- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1992. Vieira ou a cruz da desigualdade, p. 119-148.
- CASTRO, Aníbal Pinto de. O Padre António Vieira; síntese do Barroco Luso-brasileiro. In: SANTOS, Gilda et al. **Cleonice Clara em sua geração**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995. p. 72-80.
- FLORES, Luiz Felipe Baêta Neves. Palavra, mito e história no sermão dos sermões do Padre António Vieira. In: RIEDEL, Dirce Côrtes. **Narrativa; ficção e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1988. p. 170-190.
- PÉCORA, Antônio Alcir B., OSAKABE, Haquira. Vieira segundo Fernando Pessoa. **EPB – Estudos Portugueses e Brasileiros**, Campinas, n. 7, p. 171-175, 1º sem. 1986.
- PESSOA, Fernando. **Obras em prosa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1974.
- PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965.
- PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. Lisboa: Ática, 1982.
- MENDES, Margarida Vieira. **A oratória barroca de Vieira**. Lisboa: Caminho, 1989. A história ou a laboriosa incubação. p. 27-84.
- VIEIRA, António. **Sermões**. Porto: Lello & Irmão, 1951. Sermão da Sexagésima., v. 1, p. 1-36.
- VIEIRA, António. **Sermões**. Porto: Lello & Irmão, 1951. Sermão de Santo Antonio. v. 7, p. 249-284.
- VIEIRA, António. **Sermões**. Porto: Lello & Irmão, 1951. Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Hollanda. , v. 14, p. 331-360
- VIEIRA, António. **Sermões**. Porto: Lello & Irmão, 1951. Sermão gratulatorio e panegyrico, v. 15, p. 5-34.